

GALERIA DOS ASES

ALEXANDRE
DO VITÓRIA

(foto Nunes d'Almeida)

Stadium
N.º 18 | 7 de Abril de 1943

FALECEU recentemente em Paris o antigo jornalista e atleta Joaquim Vital, cujo nome estava um pouco esquecido, em virtude de residir naquela cidade há muito tempo. Foi um atleta eclético, como seu irmão, António Neves Vital, já falecido também, ligando o seu nome à introdução e propagação de vários desportos em Portugal. Ginasta, jogador de futebol, corredor a pé, remador dos melhores na sua época e lutador valoroso — que mereceu a sua inclusão na equipa que representou Portugal nos Jogos Olímpicos de Estocolmo. Distinguiu-se ainda com jornalista desportivo de muito mérito, tendo feito parte da redacção de «Os Sports Ilustrados», excelente semanário desportivo editado pelo «Século» e dirigido pelo dr. José Pontes.

Joaquim Vital continuou a dispensar a sua simpatia ao desporto do seu país, mesmo depois de estabelecido em Paris. A ele se deve em grande parte a vinda de ciclistas franceses a diversas provas portuguesas, nos últimos anos. Joaquim Vital teve também ligado o seu nome às provas ciclistas que se efectuaram na pista do Estádio do Lumiar, quando era de facto pista. Foi um desportista de valor.

Joaquim Vital era pai do sr. António Vital, antigo escriturário da União Velocipédica. Abraçamos António Vital neste momento de dor para si, apresentando-lhe os nossos pésames.

*

PARECE decidido a voltar a profícuo período de realizações práticas o conhecido Hockey Clube de Portugal, colectividade que viveu épocas brilhantes nos desportos do «stick». A dedicação de Severino Freire — presidente «perpetuo» e «amparou» do H. C. P. — tem produzido os seus frutos.

O clube tem já a sua sala de armas convenientemente instalada — pois a esgrima está também nas suas tradições e os «hoquistas» têm mérito no meio das armas — as suas classes de ginástica funcionam regularmente ao cuidado do mestre Ermelindo dos Santos e o «hoqueys» em campo mantêm-se em actividade com o mesmo entusiasmo.

Pois a patinagem, temporariamente posta de parte, por dificuldades várias, vai entrar também — parece... — em período de rejuvenescimento!

No domingo, velhos e novos do Hockey Clube reuniram-se no «rink» do Jardim Zoológico — para experimentar... Oxalá que a experiência tenha sido animadora!

*

O desafio entre o Benfica e Olinense, na segunda volta do campeonato nacional de futebol, merece uma citação especial — pelo ambiente de cortesia em que decorreu. Agrada ver jogar assim — com uma correcção que não exclua o entusiasmo que cada equipa põe na defesa das cores do seu clube. Adversários em campo — e amigos antes e depois da luta.

*

O Ginásio conquistou um belo êxito em Madrid com a exibição de duas equipas que foram à capital do país vizinho. Tanto a equipa masculina como o grupo das senhoras mereceram referências elogiosas, pela forma como se comportaram.

DISCORDANDO

PELA verdadeira raridade que os encontros internacionais de esgrima representam no nosso meio desportivo, quando se anuncia algum «match» desta categoria nem sempre se guarda aquela «compostura de ideias» tão de desejar em relação ao assunto, especialmente se examinarmos as possibilidades da esgrima portuguesa nos nossos dias.

Considera-se já como certa (?...) a disputa do II Portugal-França em espada, encontro de que nos falou prudentemente o relatório da direcção da Federação de Esgrima publicado em Dezembro último — e a que Stadium também se referiu, propositadamente sem pormenores, no seu penúltimo número. E fala-se até na possível data, que recairia no fim deste mês.

Discordamos da leveza de ânimo com que, por vezes, se tratam assuntos de tão grande interesse, e da altura para a qual se pretende pôr em jogo o nome da esgrima nacional.

A Federação de Esgrima, a-pesar da boa vontade com que a sua actual direcção se lançou na árdua tarefa de mecanizar e conjugar a actividade dos tradicionalmente descuidados esgrimistas portugueses, preparou o seu calendário de florête demasiado tarde e só agora acabou de fazer disputar o campeonato daquela arma — normalmente para ser concluído em Fevereiro. Falta jogar as provas de sabre, pormenor secundário, é certo, pois poderão ser transferidas sem prejuízo de monta — mas não se efectuou ainda qualquer torneio de espada, o que é de extraordinária importância no delicado momento em que nos encontramos: vésperas de um possível «match» internacional.

Sabe-se que estão ainda deficientemente preparados muitos dos nossos espadistas. Parte deles — não pomos em equação o interesse material da sua utilidade — esteve mesmo praticando o florête ou o sabre. Não existem, portanto, para os Mestres ou para a Federação e seu Conselho Técnico, elementos seguros que habilitem à escolha de uma equipa — elementos indispensáveis em absoluto quando, como agora, não há tempo para demoras «poules» de selecção e a F. P. E. tem de agir servindo-se de outros meios facultados pelos estatutos.

Ora a experiência de «novos» em provas internacionais — mais uma vez o afirmamos categoricamente — só deve ser feita com carácter individual. Queremo-nos, nos casos em que o nome do País está em jogo, com os de experiência feita e provas dadas. Nesta ordem de ideias, e ainda que seja em mero campo de previsões, se sairmos do âmbito de uma bem escassa dezena de nomes, incluindo no número a meia dúzia do primeiro plano dos torneios dos últimos dois ou três anos — erramos estrondosamente!

Temos, portanto, que não há nada preparado pelo que respeita à formação da equipa nacional. Ora, implicitamente, a aceitação de uma data que nos surge já para daqui a duas ou três escassas semanas — é impossível!

Por tudo isto — discordamos.

AVELAR MACHADO

ANO XI — LISBOA, 7 DE ABRIL DE 1943 — II SÉRIE-N.º 18

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIÉDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.P.A.

REDACÇÃO E ADMINISTR.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 51146 LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Comunicação e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTIAGO, LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Ateneu Comercial de Lisboa transmitiu-nos, em amabilíssimo officio, que a sua assembléa geral de 15 de Março aprovava, por aclamação, «um voto de sincero agradecimento e muita gratidão» pela divulgação das várias iniciativas «acelistas» nas colunas da «Stadium».

Nada tem o velho e prestimoso Ateneu que nos agradeça. Estaremos sempre desinteressada mas dedicadamente a seu lado, desde que considere o nosso concurso necessário em qualquer pormenor da sua valiosa actividade cultural e desportiva.

*

A direcção da Associação de Atletismo de Lisboa propôs, nas conclusões do último relatório distribuído, um voto de saudação à Imprensa — e entre os jornais que destacou pela propaganda feita do atletismo incluiu a nossa Revista.

Gratos pela referência, oferecemos à Associação de Atletismo o mesmo decidido concurso que sempre tem encontrado da nossa parte.

*

É sempre grato registar o progresso da causa da educação física em qualquer recanto da provincia. Segundo nos informa o nosso correspondente de Oliveira de Azeméis, a pitoresca terra das festas Saletinas já tem os seus cursos de ginástica, graças ao esforço do União Desportiva Oliveirense.

Regista-se avultada inscrição e cresce o entusiasmo pela tão simpática como arrojada iniciativa, que merece, de facto, ser coroada do maior êxito.

*

O remo desportivo não reto nou a ainda a sua actividade de provas oficiais. Os campeonatos escolares, organizados em cooperação com a «Mocidade Portuguesa», encontrando-se, porém, marcados para o próximo domingo. Não tarda, pois, que os barcos de corrida voltem a sulcar o Tejo.

Está assente, em princípio, a realização do Campeonato Ibérico de Remo, a que nos referimos há tempo. Falta somente que a federação espanhola escolha nova data.

*

EM Vila do Conde, reuniram-se, numa sede comum, três clubes locais — Fluvial Vilacondense, Rio Ave Futebol Clube e Vilacondense Velo Clube. O cerceamento de receitas levou os três clubes a uma solução heróica, para redução das despesas com a manutenção de cada sede.

É um exemplo — para algumas federações. Tratando-se de clubes que se dedicam a modalidades diversas, a união de todos pode fazer a sua força.

*

A visita de dois dirigentes da Federação Espanhola de Futebol, a Lisboa, com o fim de reatar o fio das partidas peninsulares do popular desporto, veio provar que a Espanha não esquece o valor das equipas portuguesas de futebol.

Os resultados de referida visita devem, no entanto, ter uma amplitude que chegue para vários desportos. Aguardemos, pois.

COM tarefas diferentes — mais facilitada a do «leader» por jogar no seu campo — os três melhores classificados do torneio nacional não encontraram dificuldades nesta jornada n.º 13. E a corrida para o título continua, portanto, a interessar os três «maiores» — pois qualquer deles pode vir a ganhar a prova. No que respeita aos outros dois «matches» — em que estavam interessados Pôrto, Olhão e Guimarães — triunfaram os «teams» das terras indicadas em último lugar; quer dizer, perderam ambos os representantes do Pôrto, com mais retumbância o Leixões, que jogava «em casa». Mas a proeza mais importante da «ronda» vai inteirinha para o Sporting, que foi ganhar a Coimbra de maneira convincente e com seu quê de arrogância...

Resultados:
Unidos-Belenenses, 0-5 (0-2);
Benfica-Unidos B.º, 7-1 (3-2);
Académica-Sporting, 2-7 (4-2);
Olhanense-F. C. Pôrto, 3-0 (2-3);
Leixões-Vitória, 2-6.

Apontam-se entre parêntesis os «scores» da primeira volta.
E agora, para remate deste introito, veja-se a classificação, assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Benfica	13	11	—	2	59-25	23
Sporting	13	10	1	2	49-27	21
Belenenses	13	10	—	3	54-14	20
Olhanense	13	6	2	5	33-30	14
Vitória (*)	12	5	2	5	33-46	12
Unidos	13	5	1	7	59-44	11
Académica	13	4	2	7	40-44	10
Pôrto	13	4	2	7	29-44	10
Unidos (Bar.)	13	3	—	10	31-61	6
Leixões (*)	12	—	2	10	12-54	2

(*) Tem um jogo em trazo.

A salientar a posição dos vimearanenses, que ultrapassaram os unidistas lisboetas e os estudantes de Coimbra.

Pouca sorte dos unidistas

A partida do Lumiar-A podia chegar a boa craveira, se não se desse a circunstância de terem havido dois «goals» irregulares, com decisiva influência no resultado. É certo que os unidistas jogaram infinitamente menos que contra o Sporting — o «match» tinha, de resto, características diferentes! — mas também é verdade que o Belenenses não se mostrou com superioridade que justificasse a margem de cinco tentos...

Houve equilíbrio a princípio — enquanto não se marcaram «goals»; mas depois os visitantes «apertaram» e puderam criar ascendente. E quando Conceição, a concluir excelente «viragem» sobre si próprio, marcou o primeiro ponto, ainda o Unidos parecia disposto a dar réplica. Mas à meia hora Rafael teve um centro — tirando a bola de fora da linha de cabeceira! — que José Pedro aproveitou para fazer 2-0; e então o Unidos acusou o péso da fatalidade...

Na segunda parte os visitantes insistiram no mesmo sentido de ataque; e quando, ao quarto de hora, marcaram novo «goal» irregular, o Unidos sentiu-se batido e inferiorizou-se. Ocorre dizer que neste «goal» houve nova falha de visão do sr. Palhinhas — pois Amaro metera mão à bola antes de ela ir ter a Franklin; e a defesa unidista ficou toda parada, à espera que o «referee» assinalasse o «foul»!

Até final o Belenenses foi senhor da situação, marcando ainda por mais duas vezes, por intermédio de Franklin — um ponto

FUTEBOL

A MAGNÍFICA VITÓRIA DO SPORTING EM COIMBRA

foi o acontecimento de maior vulto na 13.ª jornada do campeonato nacional

de bandeira... — e de José Pedro, em conclusão de bom trabalho de insistência de Rafael.

O jogo não teve o interesse que se esperava, porque o Unidos — a lutar com visível pouca sorte, e, ainda para mais, contra a manifesta infelicidade da arbitragem — foi menos «team» que habitualmente. É natural que aqueles dois «goals» tivessem influência no espírito dos jogadores — mas também não se justifica um desalento tão grande em equipa normalmente voluntariosa e batalhadora, mesmo que os erros de arbitragem prejudicassem a marcha das operações, como decerto prejudicaram. E quanto ao Belenenses — que a crítica diz ser o «team» de melhor futebol do momento — também não faz sentido que, naquelas circunstâncias, não soubesse brindar o público com exibição justificativa do renome conferido.

Em família...

No campo do Benfica as coisas passaram-se de maneira diferente. Com os dois «tea s» desfalcados, era natural que o jogo não interessasse grandemente; e se assim aconteceu não deve haver razão de queixa — porque o «match», na verdade, não era para grandes apreensões...

O «leader» começou mal, mesmo muito mal, sem uma toada definida e sem a «garra» habitual. Um «goal» de Nelo e outro de Julinho — o dsète com um oportuníssimo golpe de cabeça — não impressionaram! E até quando os barreirenses fizeram o seu «goal» (só possível pela pouca atenção de Galvão) as coisas não se modificaram! Chegou, contudo, o intervalo — e o Benfica, perfeitamente à vontade, triunfava por 3-1.

Mas na segunda parte ainda foi pior! Jogou-se francamente mal durante a primeira vintena de minutos; e só à beira da meia hora é que os campeões nacionais

esperaram. Como consequência imediata, claro, quatro «goals» mais

Em síntese: o Benfica venceu, é certo, e por via disso — o contrário seria o cúmulo! — continua na situação de «leader»; mas não convenceu...

Calor a mais...

Os dois «matches» disputados, em Lisboa foram pobríssimos, para a categoria dos «teams» em luta pois somente os unidistas do Barreiro são menos cotados. Jogou-se mal (pior no Campo Grande) e qualquer dos desafios não foi além de mediocre. Talvez que o calor tivesse tido influência no rendimento dos jogadores — ainda mal preparados para a quadra, porque o dia esteve realmente quente. O certo, porém, é que na jornada n.º 13 (embora favorável os «teams» da capital) apesardes se marcaram treze «goals» em dois desafios — e há quem goste de ver a bola entrar repetidas vezes nas balizas! — não teve grande interesse para o publico apreciador do bom futebol...

Triunfo oportuníssimo!

O Sporting está de parabéns. É caso para isso — pois não é qualquer equipa que consegue fazer sete «goals» ao grupo dos estudantes, em Santa Cruz. E nas circunstâncias presentes esse triunfo é preciosíssimo, pela oportunidade e porque serve para dar ao «team» sportinguista mais confiança nas suas possibilidades, na carreira para o título.

A partida de Coimbra — já de si com «ambiente» de grande jogo — foi realmente um bom desafio de futebol. O Sporting, batido no Lumiar, precisava de reabilitar-se em Santa Cruz. E conseguiu-o, com juro...

Na primeira parte, os campeões de Lisboa deram tréguas, procurando sempre impôr-se, espe-

cialmente no capítulo ofensivo como prêmio justo, marcaram quatro «goals» sem resposta, por Mourão — num «free» em que a bola foi muito bem arrancada do solo — por Lopes (defesa académico, em lance infeliz...) e por Peyroteo, os dois últimos.

A Académica tentou a «chance» na segunda parte, em que fez 2-3; e o primeiro «goal» pertenceu-lhe, até, obtido por Alberto Gomes.

O «match» de Coimbra — que teve a maior assistência da temporada — conferiu ao Sporting um bellissimo triunfo, por margem mais elevada que aquela que talvez os próprios jogadores esperariam! Mas até nesse por menor — que à primeira vista parece não ter importância... — consistiu a valia da linha avançada leonina, de novo «em veia» e com capacidade confirmada de produção. Resta saber se «aquilo» terá continuidade...

Os vimearanenses vão de «vento em popa»!

Não é sòmente em Guimarães — onde rultam as esperanças de três «teams» de primeiro plano: Pôrto, Belenenses e Benfica — que o Vitória consegue triunfar. Os campeões do Minho já haviam ganho no Barreiro e tiveram agora jornada triunfal em Leixões.

É certo que o encontro — atendendo às posições que os dois clubes ocupavam no quadro de classificação — não parecia ser difícil para os visitantes; mas sempre era jogar fora... E apesar de isso o Vitória ganhou, com inteiro merecimento, por margem que não deixa dúvidas, quanto ao valor do adversário. Dois «goals» antes do intervalo deram-lhe o sossêgo suficiente para encarar a segunda parte com mais confiança ainda.

É digna de realce a acção dos campeões do Minho na prova, que têm valorizado o mais possível.

Três «goals» em Olhão

No estádio «Padinha» não se passou nada de extraordinário — porque era tida como certa a derrota dos campeões da A. F. Pôrto. A margem de «goals» — tres... e sem resposta! — é que talvez se afigure demasiada. Mas é absolutamente natural, em face do jogo desenrolado pelos algarvios e do «team» que os portuenses levaram a Olhão.

Houve ainda equilíbrio a princípio — até à altura do Olhanense «abrir caminho» — mas como o segundo tempo começou, praticamente, com o segundo «goal» dos algarvios, que aos 10 minutos tinham 3-0, os visitantes entregaram-se. E até final só um «team» procurou com insistência a baliza — e esse foi o do Olhanense.

A próxima «ronda»

Jornada a seguir: Sporting-Leixões (4-0), Belenenses-Olhanense (4-0), F. C. Pôrto-Benfica (2-12), Académica-Unidos (4-7) e Vitória-Unidos Barreiro (3-1).

Entre parêntesis os resultados da próxima volta. Atenção ao jogo do Pôrto, o mais importante da «saída» e que o «leader» tem de encarar com cautela.

JORGE MONTEIRO.

Concurso do «Goal da Vitória»

Mantém-se o interesse dos nossos leitores pelo Concurso do «Goal da Vitória», continuando, em grande quantidade, a afluência dos boletins. Devido, porém, ao «volume» dos cupões entrados ultimamente, não foi possível fazer a respectiva classificação — no que respeita à undécima «ronda» do campeonato nacional de futebol — a tempo de serem publicados resultados neste número, o que faremos no próximo. Também temos continuado a receber muitas adesões à ideia de um concorrente — que alvitrou a entrega dos prémios menores, de importâncias pequenas, à Casa dos Vendedores de Jornais. E, assim, os simpáticos «ardinas» vão ser também beneficiados pelo concurso de «Stadium», numa faceta interessante do certame, que consiste na desistência do recebimento de alguns prémios em favor dos vendedores de jornais.

A SEMANA ATRAVÉS DA OBJECTIVA



1 — O capitão Dr. Jorge Cesar Oom, desportista eclectico e de mérito. Como esgrimista conquistou agora mais um titulo de campeão nacional — ao florete.
2 — O capitão Campos de Andrada, ilustre mestre de armas e director dos Serviços de Educação Física da "Mocidade Portuguesa", a quem os seus discipulos do Gimnásio Club homenagearam com um jantar intimo.
3 e 4 — Os cavaleiros e esgrimistas que tomaram parte nas comemorações organizadas pelo curso de há 25 anos no prestimoso Colégio Militar. As equipas eram constituídas por antigos e actuais alunos.
5 — Aspecto do jantar oferecido aos jogadores de futebol do Palmense, campeões da III Divisão da A. F. L.

(fotos Ismael)





1 e 2—No jogo de "hand-ball" entre o Benfica e o Sporting, que os "leões" venceram pelo expressivo "score" de 7-3; 3—Outro encontro de "hand-ball": "Os Treze"-Belenenses, que empataram 2-2; 4—Uma fase do desafio de "rugby" jogado pelos "quinze" do Belenenses e do Benfica. Os "encarnados" perderam por 14-0; 5—No "rink" do Jardim Zoológico, durante a reunião promovida pelo Hockey Clube de Portugal



O «BOX» EM LETARGIA...

AS modalidades pobres atravessam, por vezes, — tal como as ricas — momentos de angústia, de desânimo, em que tudo parece derruir em seu redor, em que as esperanças se volatilizam, as boas vontades cedem terreno a um ostracismo inquietante — numa palavra: em que tudo se conjuga para o aniquilamento de tantos anos de labor.

Uma das modalidades mais progressivas no norte, em especial no Porto, em tempos que já lá vão, foi, sem dúvida, o atletismo.

Recordar, trasladar para o papel a vida do atletismo português há uns anos para trás, seria relembrar a era mais esplendorosa daquela modalidade, aqueles momentos em que possuímos corredores, saltadores e lançadores que se impunham, que eram alguém, que viviam para a modalidade aquela vida cheia de interesse e vontade de engrandecê-la.

Era, então, o Académico o seu mais forte baluarte, o clube donde saiu um tão forte como poderoso lote de atletas. Mas havia mais, como o Sport, activo e diligente, e o F. C. do Porto, a querer também fazer figura — isto falando nos gigantes, entenda-se, mas todos irmanados no bom desejo de acertar.

Depois... Depois veio o tédio. Os melhores atletas foram deixando a causa — porque a idade não poupa — afastaram-se, seguidos dos dirigentes. Outros vieram já evadidos dos vícios de que sofriram outras modalidades — e o mal estendeu-se, segurou-se, dominou, como um póvo que tudo envolve nos seus tentáculos.

Os torneios de atletismo deixaram de ter brilho, de serem «limpos»; a competição desapareceu, porque os vencedores, à falta de outros melhores, estavam de antemão designados para algumas provas.

Toda a gente sã se foi afastando — e entrou em crise o atletismo português. É uma coisa que se nota, que se vê a olhos vistos. Urge tratar este caso, porque nunca o atletismo teve tão boa oportunidade para vencer como agora. O público ganhou o hábito dos campos desportivos e hoje não passa um domingo sem ver qualquer coisa, seja futebol, «handball», «basket», ciclismo, natação, remo, «hockey» ou atletismo.

Esta tendência, bem orientada e melhor dirigida, pode ditar ao desporto nacional a maior e mais esplendorosa era de progresso. Se tal não sucede, a culpa pertence mais a quem dirige do que a quem pratica.

Efectivamente, estamos no início da época de atletismo e que vemos? Nada, absolutamente nada!

Há dias, numa daquelas radiais da Praça da Liberdade, encontrámos alguém — dirigente e praticante do atletismo.

Quando lhe perguntámos o que havia sobre o atletismo, foi como quem abrisse a torneira de uma represa... Ouvimos coisas extraordinárias, frases contundentes, palavras amargas.

Ninguém se deu ainda ao cuidado de informar o público da razão pela qual não se iniciou ainda a época de atletismo.

DEPOIS de um período de grande actividade, com pugnas de relativo interesse a chamarem a atenção do público, o box no Porto entrou em letargo. Mesmo as últimas sessões efectuadas deram a conhecer aos organizadores que o público portuense estava «saturado».

De quê? Do box? Das organizações? Possivelmente, das organizações!

É certo que Beni Levi foi apresentado nesta cidade com uma auréola de invencibilidade que lhe havia grangeado, da parte do público, o desejo real de conhecer a «última maravilha» do box nacional. Mas a verdade é que, para os conhecedores, sem pôr em dúvida o real valor do «boxeur», os encontros não tinham aquele «cartel» correspondente ao réclamo feito em volta do nome de Levi. Isto mesmo se dizia nos centros em que o box conta admiradores!

Falámos, há dias, com um conhecido profissional — um homem que teve, noutros tempos, nome consagrado, não só pelo seu valor pugilístico, mas também pelos amplos conhecimentos que possuía daquilo que é costume chamar-se «nobre arte».

Confidenciou-nos, então, o seguinte:

— É natural que viesse o desprendimento do público pelos combates de box. Beni Levi não teve pela frente nomes de valor, nomes conhecidos como grandes titulares no box europeu. Pela sua carreira, em Portugal, jamais passou alguém com valor reconhecido além de uma 3.ª categoria de Espanha, ou então «boxeurs» destreinados ou de péso inferior. Ao público portuense davam-se «reprises», homens que já tinha batido e combatido, indivíduos que não podiam opôr ao seu jogo nada mais do que um poder de encaixe muito regular, mesmo com «punch» de relativo poder, mas a ser usado somente num sóco de sorte.

— Mas Levi tem valor — argumentámos.

— Sim, tem. Não posso negá-lo. Mas não foi usado esse valor como deveria ser. Depois dos primeiros combates vitoriosos, os organizadores procuraram evitar que essa carreira triunfal fosse ofuscada. Daí as «repetições» en-

fadonhas para quem conhece box. Albarran, por exemplo, com quem tanto se agitou o nosso meio, não é mais do que uma simples 3.ª série espanhola.

— Mas então não há quem veja essas coisas?

— Quem? Os dirigentes do box portuense? Pois se eles pouco sabem «distos»?

—?!
— Sim, não duvide. E que isto é assim prova-o o movimento que está sendo feito pelos antigos profissionais do box portuense, que vão dirigir à Federação um protesto contra a maneira como se organizaram torneios de box nesta cidade. É preciso prestigiar o box, dar ao público aquilo que ele quer: organizações sinceras, sem vencedor determinado, organizações como existiram no tempo de Tavares Crespo, por exemplo.

— Boa época essa!

— Sem dúvida. Já lá vai o tempo em que víamos aqui um Martinez, um Wouters, um Humbeck, e tantos outros que tinham atrás de si uma carreira de valor, nomes que brilhavam alto no firmamento do box internacional.

— E por que não se faz agora isso?

— Porque as organizações são mercantilistas; porque a elas não preside o propósito de trazer até nós homens consagrados; porque só têm em mira o lucro das bilheteiras e não o futuro do box nacional... É esta a triste verdade.

Não pudemos deixar de dar razão ao nosso amigo. E deixámos-lo sob péso esmagador desta verdade...

F. B.

Lipo Herszka

Desde quarta-feira passada que Lipo Herszka é o novo treinador do F. C. P. O acto de posse, que foi muito concorrido, realizou-se na sala da direcção daquela colectividade desportiva, na Avenida dos Aliados.

Além de muitos atletas e associados, estiveram presentes quasi todos os jogadores, aos quais o sr. dr. José Bacelar fez a apresentação do empossado. Este agradeceu em palavras simples, afirmando poderem todos contar com o seu esforço desde que cada um medisse, devidamente, os seus deveres e responsabilidades.

As sessões de treino já principiaram e embora o avanço da época não permita que o novo treinador dê rápidas provas do seu valor técnico, o certo é que futuramente, muito haverá a esperar dos seus conhecimentos, da sua experiência e da sua accção disciplinadora.

«STADIUM» apresenta a Lipo Herszka as suas saudações de boas vindas.

M. A.

A entrada de Szabo, médio centro do Famacão, para o Sagueiros, foi uma «bomba»... O jogador húngaro, «malabarista» da bola, transitou para o Salgueiros apenas com a «função» de treinador dos grupos. Fica com «poderes» directivos na orientação técnica das equipas do clube.

— O F. C. P. era um dos «candidatos»... à transferência de Szabo — apenas como jogador. Contudo, outro «concorrente» mais activo cortou o caminho aos dirigentes do F. C. P. ... O eng.º Vidal Pinheiro é um dirigente das «ocasiões»...

— Eliseu Cavalheiro, médio esportista do Académico e «novo» recrutado (?) do Sporting Clube de Portugal, esteve nesta cidade na última semana, como «turista»... Afirmou, abertamente, a uma mesa do «Excelsior»: «— Não volto a envergar a camisola do Académico». Conclusão lógica: Eliseu Cavalheiro está já «iludido» com os «deões.» Falta-lhe, portanto, a «decisão» da direcção do seu antigo clube — a concordância na cedência da «carta». A «fita» da carta dactilografada não pegou... O «processo» deu muito na vista — despertou curiosidade...

— Já jogou numa equipa portuense, em regime de experiência, um jogador do sul, Almeida, ex-alcantarense. Provou bem no seu primeiro «xame» — deu boa conta do recado...

— Um clube do concelho de Gaia, de plano inferior, tem sido o «viveiro»... dos agrupamentos da I Divisão. O «sallato» iniciou-se, misteriosamente, numa destas noites, sem aviso prévio directivo... Na última «visita» as coisas estiveram muito feias... Um dos «emissários», pessoa muito ligada ao assunto, bateu o «recorde» dos 100 metros...

— O ambiente da Associação de Basket-ball do Porto é muito confuso — anda bastante «tempestuoso»... Por «infracção» regulamentar, dois dirigentes saíram... do «bloco» da época de 1942/43.

— Volta-se a falar — desta vez com mais insistência — numa transferência de um jogador de «basket» para uma equipa de Lisboa. A informação da semana é bastante ampla — admite-se a hipótese da «retirada» no final da época dessa «estréla» do «basket» portuense.

— O inquérito ao jogo Vilanovense-Gaia, no campo do Candal, está lá concluído pelo secretário da A. F. P. Seguiu na terça-feira, pelo correio, para a Federação Portuguesa de Futebol, para «despacho» disciplinar...

DR. ALVARENGA

Tiro aos pombos

Nos dias 9, 10 e 11 do corrente, no amplo «stand» do Club de Caçadores do Porto, em Salgueiros, realizam-se os campeonatos de tiro aos pombos, organização que costuma atrair farta e excelente concorrência, entre a qual muitas das senhoras da nossa melhor sociedade.

As provas estão repartidas pelos três dias, com prémios elevados e de grande valor.

«Des politiciens comme moi, nous en avons passablement en Espagne. Des amateurs comme Josélio, il n'y a que lui-même!»

O leitor que se quiser dar ao trabalho de procurar nas colecções do *Figuro*, de Paris, os números de Maio de 1920, encontrará no artigo de fundo de um dêles, intitulado «Gallito» e consagrado à morte do célebre toureiro, a afirmação que acima transcrevemos, atribuída pelo articulista ao falecido chefe do partido conservador espanhol, D. Eduardo Dato, por êle entrevistado, no verão anterior, em San Sebastián.

O jornalista tinha confessado a Dato que lhe causara surpresa o vê-lo erguer-se da sua mesa de hotel para ir apertar efusivamente as mãos do mais novo dos «Gallos».

Fazendo as devidas reservas sobre a autenticidade da aneddotica, não nos repugna acreditar que o austero Dato fosse, como tantos outros homens ilustres da sua terra, um entusiasta convicto da festa dos touros. A tauromaquia tem andado intimamente ligada à política, às letras e a toda a vida intelectual espanhola.

Um espectáculo emotivo como a corrida de touros influe no ânimo do espectador consoante o seu temperamento, despertando o seu entusiasmo ou a sua repugnância independentemente do seu grau de cultura e das predilecções do seu espírito. Por essa razão se contaram sempre, em todos os campos da vida mental espanhola, devotos incondicionais e detractores intransigentes da Arte dos Romeros, constituindo os últimos, hoje como sempre, insignificante minoria.

«Accionados» convictos à festa brava foram muitos escritores de tendências cosmopolitas e desnacionalizantes, como o foram — entre muitos outros — os homens do grupo político-intelectual em que pontificavam o médico Maramón e o filósofo Ortega y Gasset. Em contraste com êles, Perez Galdós, o maior e o mais espanhol dos novelistas de Espanha, o homem que frequentava a intimidade das camadas populares dos «Barrios Bajos» de Madrid, onde ia copiar as personagens das suas novelas contemporâneas e reconstituir as figuras, passadas de um século, que êle logrou reproduzir com tão flagrante realismo nos «Episódios Nacionales», o intelectual que melhor e mais profundamente soube prescrutar a alma da plebe madrileña — chegou quasi ao fim da vida sem assistir a uma corrida de touros!

Por ironia amarga do destino, foi um toureiro, Rafael González (Machaquito), ardente admirador da obra de Galdós, quem tomou a iniciativa da subscrição, com cujo produto se construiu e ofereceu ao Mestre a casa confortável do bairro madrileño de Arguilles, e em que êle, cego e arruinado, viveu os seus últimos anos.

Profunda e desinteressada amizade se travou entre êsses dois homens de origens e de níveis mentais tão diferentes. «Machaquito» logrou vencer a tradicional relutância de Galdós, que assistiu excepcionalmente, na Praça de Santan-

der, a uma corrida em que o seu dilecto admirador lhe brindou a morte de um dos touros.

É certamente das mais vastas a bibliografia tauromáquica, cujo catálogo, se acaso se empreendesse a sua organização, preencheria volumes inteiros sem que neles se fizesse referência aos milhares de obras que, não sendo propriamente tauromáquicas, abordam incidentalmente o tema dos touros. A tauromaquia está de tal forma ligada a muitos dos factos mais salientes da vida peninsular, que o seu estudo tem sido cuidado por cultissimos autores pela forma erudita e minuciosa por que se faz a verdadeira História.

(Continua)

J. E.

A. Ribeiro da Costa

ALFAIATE DE
SENHORAS
ULTIMAS NOVIDADES

245, Rua Augusta, 247

TELEFONE 2 1040

CAMPISMO

A secção do C. A. Campo d'Ourique

A divulgação do campismo, mercê de uma propaganda animada pelo melhor entusiasmo, principiou a interessar os clubes de desporto. E diga-se que a modalidade fica excelentemente como secção de uma colectividade desportiva.

Há por certo nos nossos clubes muitos simpatizantes do campismo que praticam a modalidade isoladamente, quando podiam organizar nos mesmos clubes uma secção de campismo. É questão de iniciativa, como se verifica pelo exemplo que nos dá o Clube Atlético de Campo de Ourique, o qual tem já em plena actividade e em franco progresso a sua secção.

Foi um dos membros dos seus corpos gerentes, o sr. Fernando Baía dos Santos, antigo escuteiro, que começou interessando os sócios do «CACO» nas práticas campistas — logo auxiliado com entusiasmo pelos srs. Ceciliano Albuquerque e Carlos Capela.

Em Dezembro último a secção campista do Campo de Ourique estava fundada e iniciava a sua actividade com excursões semanais, para adaptação dos novos campistas. Nesta modalidade de campismo-pedestre destacam-se já duas «saídas», uma de 30 quilómetros e outra de 20.

O seu primeiro acampamento vai realizar-se por ocasião das festas comemorativas do Campo d'Ourique, em Abril próximo. Denominar-se-á «1.ª Noite ao Luar» e o acampamento será instalado em Belas.

Mas a secção de campismo do «CACO», ao mesmo tempo que vai entusiasmando no belo desporto os sócios do clube — con-

ATLETAS DE TEMPOS REMOTOS

QUANDO rebuscamos no passado, muito longe, na nebulosa noite dos tempos, as proezas dos atletas e desportistas cujo nome a fama trouxe, pelos séculos adiante, até à nossa época — surgem-nos as mais espantosas revelações, que nos levam a meditar sobre o valor comparativo das capacidades físicas de então e a modestia dos resultados que hoje nos surpreendem como fruto de uma preparação cientificamente conduzida e de técnica meticulosamente estudada.

Analisemos, para primeiro exemplo, a história sentimentalmente tão bela dos amores de Hero e Leandro, para lhe pôr em realce a feição desportiva.

Leandro atravessava tôdas as noites a nado o Helesponto, a fim de ir ao encontro de Hero, que o esperava na margem oposta, e, pela manhã, antes de romper a aurora, regressava pelo mesmo processo ao ponto de partida. Se tivémos a curiosidade de buscar em um compêndio geográfico a equivalência da distância percorrida pelo apaixonado tritão, encontramos uns escassos mil e quinhentos metros, que não exigiam invulga-

res qualidades de fundo. Mas o mérito de Leandro fixa-se em fazer duas vezes o percurso diariamente, durante meses e meses. Até que se afogou!...

Aos nadadores contemporâneos, limitamo-nos a pôr o problema: qual o Leandro lisboeta capaz de ir namorar a nado a sua Hero residente na Trafaria?

Conta Herodoto que um tal Scyllias percorreu, debaixo de água, para anunciar aos seus compatriotas o naufrágio das naus peras, a distância que separa a costa da Magnésia da Ilha Eubéa, a qual orça por quilómetro e meio. Trata-se, como se vê, de um mergulho sem igual, e o destemido grego deve ter chegado ao termo da viagem submarina com guelras e barbatanas...

O caso mais fantástico dêste género é relatado, porém, muito mais modernamente, por um tal professor Dulac: em 1764, um rapaz de quinze anos, Francisco da Vega, tomava banho com alguns amigos — quando súbitamente desapareceu. Dado o sinal de alarme, empregaram-se todos os meios para salvar o infeliz, cujo corpo não foi encontrado. Ora, segundo conta o citado autor, o Francisco não morrera e voltou à superfície não e bem disposto... em 1769! Tinha permanecido debaixo de água cinco anos e, conforme declarou, passara óptimamente alimentando-se com peixes.

Em contrário do nenhum crédito que semelhante história nos deve merecer, — referida apenas como prova da ilimitada incógnita humana — encontram-se mais bem fundamentadas as indicações relativas aos famosos heróis das pugnas olímpicas de há trinta séculos.

Milon, de Crotona, foi o mais célebre atleta da antiguidade; contam que após o seu coroaramento como vencedor nos jogos da Olimpia, desejando provar a sua força hercúlea, deu a volta inteira ao Estádio levando atravessado sobre os ombros um vitelo de quatro anos. Os extintos moços de fretes, adorno das esquinas lisboetas de há vinte anos, não fariam tal transporte a menos de quatro — e com padiola!...

No número das proezas lendárias de pasmar, figuram também as que são atribuídas a um atleta da Tessália, chamado Polydamos, o qual se celebrou nas competições olímpicas de luta e a quem é atribuída a morte de um leão por estrangulamento — com as mãos. Resa a tradição que êste mesmo Polydamos, escolhendo certa vez numa manada o touro mais poderoso, o agarrou por uma pata e o segurou assim até o touro fugir... deixando-lhe o casco na mão!

A par da força bruta, celebra-se a agilidade felina: Phaylon, outro aborigene de Crotona, alcançou de um salto 14 metros. Guilherme Depping, que relata o facto, não conseguiu, porém, averiguar se o grego o fazia apenas pelos seus recursos naturais, se auxiliando-se de halteres ou de vara. O barão de Coubertin anota também êste salto, opinando dever tratar-se de um triplo-salto.

SALAZAR CARREIRA

A trindade Benfica-Sporting-Belenenses deu-se bem com a jornada n.º 13...



2 Em Coimbra: Daniel "toca" para Peyroteo, ante a expectativa de vários estudantes. 2 → Boa defesa de Vasco, com Mourão — o grande jogador da tarde — pronto a carregar. Daniel e Peyroteo seguem a jogada ansiosamente... (fotos Marques da Carvalho)

3 No Campo Grande: 3 — Julinho bate a defesa barreirense com uma curiosa viragem de cabeça. (foto Manique)

4 No Lumiar A: 4 — O à-vontade de Gralho e a energia de Simões sobressaem nesta fase. 5 — Como o Belenenses marcou o seu 2.º "goal"... 6 — José Pedro vai rematar com bom estilo — embora sem êxito! (fotos Nunes d'Almeida)



4

3



5



6

ÉPOCA NOVA

com métodos velhos?

A PROXIMA-SE o calor e os clubes náuticos começam a ser frequentados mais assiduamente. As tripulações antigas, que mantiveram o seu treino mesmo durante o inverno, principiam a pensar em provas. Formam-se outras, de novas unidades, que vão encontrar-se pela primeira vez. Toma maior incremento a azáfama nos gremios náuticos — coisa pitoresca, de cunho inconfundível.

Em Portugal, o desporto do remo sofre do mal de tantos outros: não tem público. Sob este aspecto, falta-lhe o aconselhável e útil ambiente. Apesar disto, os remadores, não sendo muitos, espalham-se do Minho ao Algarve. Tem havido mesmo períodos de supremacia de várias regiões: Caminha, Pórtio, Aveiro, Figueira, Lisboa e Setúbal têm averbado épocas excelentes, guiando-se aos mais altos títulos nacionais.

Actualmente estão os aveirenses no pedestal de honra. E porque estão também dispostos a conservar o seu ceptro — ganho tão belamente e tão belamente confirmado na luta contra os espanhóis, no primeiro encontro entre os dois países — o embate que se travará com as outras regiões, desejosas de reconquistar a supremacia, deve ser emocionante.

Mas há um defeito grande na nossa organização do remo: poucas provas particulares interclubes. Quasi nos limitamos a ver os componentes regionais e nacionais... É pouquíssimo. E excluindo a iniciativa «Stadium», que conseguiu, há cinco anos, fazer disputar a regata Clube Naval — Associação Naval, repetida um ano depois, nada mais se fez — nem há vislumbre de se fazer...

No entanto, era fácil às agremiações da especialidade organizar competições entre si. Progressar-se-ia incontestavelmente mais — e a verdade é que a nossa classe está longe de se poder cotar internacionalmente. É até conveniente não criar ilusões quanto ao resultado da regata com os nossos vizinhos. Temos matéria prima, condições excepcionais — mas nada está aproveitado como devia e podia ser.

Para uma tripulação de remo ter pretensões a ganhar regatas sem o mero favor do acaso ou à custa dos «azares» adversários e para possuir consciência técnica, que lhe permita «partir» com um plano, uma tática própria, maleável e adaptável às contingências que a prova ofereça — é necessário ter muita persistência e a homogeneidade espiritual que ligue fortemente os seus componentes.

Ora isto é difícil entre nós, mormente na capital, por uma questão de temperamento — e até por influência do meio ambiente em que se vive. Na provincia há outras possibilidades. Mais união, mais espírito associativo — ou menos cafés e recintos de diversões... Vejamos Caminha, Viana, Figueira, Aveiro...

ARGONAUTA

IDEIAS A COMBATER E PRINCÍPIOS A FIXAR

HA na velocipédica determinados problemas que passando despercebidos da maioria do público constituem, para quem anda metido nos meandros da modalidade, verdadeiros flagelos — difíceis de debelar e com graves consequências para o progresso do ciclismo de competição.

Entre outros assuntos, o que diz respeito às exigências dos corredores e ao seu espírito exageradamente interesseiro, deve ser o que mais preocupa os dirigentes — afinal os que menos conhecidos são do público...

Todavia, quem está em contacto directo com os estradistas, sobretudo com os «aspirantes» a ases, é que pode avaliar até que ponto chega a tendência natural «para pedir» dos corredores de bicicleta.

Inventam necessidades de toda a espécie e os protestos mais singulares para receberem subvenções e abonos. E se por um natural espírito de economia se lhes faz qualquer observação, consideram-se logo melindrados e «amauam».

Por vezes, o que os corredores pedem é justo: um dia perdido, o preço de uma passagem, o que deixam de ganhar para correr ou treinar, enfim, admite-se.

Mas que procurem usufruir benefícios materiais numa categoria em que lhes é vedado fazer tal e, para mais, numa modalidade que não dando lucros, não tem, na categoria, a possibilidade de beneficiar de propaganda desta ou daquela marca — isso é que deve combater-se. A continuarmos assim, as probabilidades de um clube manter categorias inferiores diminuem cada vez mais.

Atentem nestas coisas os corredores e também as pessoas que os rodeiam e os convencem de que são «ases» e, como tal, podem exigir este e o outro mundo...

Afinal, os ciclistas, quando pensam em correr, são relativamente modestos a pedir. Depois é que principiam a abrir desmedidamente a boca, influenciados, por um lado, pelo contacto que têm com os supostos campeões, e, por outro, levados pelos conselhos dos que os adulam.

Que é assim provaram-no os 16 «iniciados» que tomaram parte na «Volta a Lisboa». Desses corredores, a maioria individuais ou representando clubes modestos, só um usou «boyaux» e respectivas rodas de alumínio. Os restantes utilizaram rodas de ferro e pneus — e muitos houve que pagaram inscrições e equipamento à sua custa. Mas estamos certos que se corresse por colectividade de nome ou de recursos, não teriam alinhado sem pelo menos terem feito alguma exigência...

Entre muitos outros exemplos que poderíamos citar, a comprovar o espírito interesseiro da maioria dos corredores, este é concluinte: Um estradista novo estava bastante doente antes de se inscrever por determinado clube e não resolveu tratar-se. Assinou, porém, a ficha, e então consultou um médico por iniciativa dos dirigentes desse clube — que também compraram e pagaram medicamentos para o trata-

mento. É tudo quanto há de mais justo e humano. O que já não está certo é que esse clube tivesse de pagar o tempo perdido por esse corredor no tratamento necessário à sua cura...

A Volta a Lisboa, que a U. V. P. organizou com assinalado êxito, pode e deve ser modificada, em certos pormenores de ordem técnica, a fim de atingir, com maior amplitude, os fins para que foi criada: propaganda de velocipédia e acréscimo de receitas para a entidade organizadora.

A primeira modificação a fazer é a que diz respeito ao percurso.

A partida dos concorrentes deve, quanto a nós, ser feita de futuro na rotunda do Arieiro, local mais acessível a todos — público e corredores. E depois, com um pouco de boa vontade, talvez se pudesse utilizar o mesmo percurso até ao Lumiar, seguindo então pela estrada de Caneças, Belas, Pendão e Amadora — e daí até Algés, pelo mesmo caminho deste ano. Evitava-se assim o troço da estrada militar, já inacessível à passagem de bicicletas, sobretudo às equipas de «boyaux» de quatrocentos escudos...

Também devem ser admitidas outras categorias — tal como no «Dia da Bicicleta» — mas com percursos mais curtos, mesmo sem serem traçados na periferia da cidade — como sucede hoje.

Uma série de provas na Avenida da Índia, para rapazes e meninas — provas bastante fáceis, como conviria — a completar um programa de competições de quilometragem diferente, consoante a categoria dos estradistas inscritos, daria, estamos certos disso, uma bela jornada a favor do ciclismo.

Que tenham esta iniciativa os dirigentes da U. V. P. — que nós cá estaremos para com eles cooperar.

GIL MOREIRA

DESPORTO CORPORATIVO

FOI ENTREGUE À F. N. A. T. um esplêndido Ginásio

A obra magnífica da F.N.A.T., procurando a valorização física dos trabalhadores, vai ampliando-se dia a dia, pelos resultados excelentes que a ideia conseguiu já e melhor ainda pelo cuidadoso interesse de que os dirigentes daquele organismo estão dando mostras, procurando que a educação física do trabalhador português se rodeie em tudo dos requisitos necessários para bem cumprir tão útil missão.

As classes de ginástica, funcionando com entusiástica animação e uma frequência que é a melhor prova do interesse com que a iniciativa foi recebida pelos nossos trabalhadores, têm desde há dias um magnífico ginásio, instalado no edifício da Comissão Reguladora do Comér-

NOTAS SOLTAS

A Federação Portuguesa de Patinagem apresentou aos clubes seus filiados o projecto de alteração dos estatutos e do regulamento geral, um trabalho de fôlego e que, no todo, conta 200 articulados, repartidos por 35 capítulos. E, como deve calcular-se, não se trata de documento para ser apreciado de ânimo leve.

O interesse dos clubes pelos novos estatutos e regulamentos da F. P. P. demonstra-se pela afluência de delegados ao congresso, tendo estado representados todos os clubes de Lisboa e ainda os dos arredores (Amadora, Cascais, Paço de Arcos e Sintra) assim como três do norte: Infante de Sagres, Carvalhos e Académica de Espinho.

Um artigo há, no regulamento geral, que interessa, sobretudo, aos jogadores — e, por isso, aqui o transcrevemos, para seu completo conhecimento, tanto mais que estão já a ser passadas as licenças para 1943. Diz-se nesse artigo (o 75.º) que «na mesma época cada patinador não poderá assinar mais do que um pedido de licença, salvo se ao segundo pedido juntar a carta de desobrigação passada pelo clube pelo qual assinou o primeiro pedido, desde que não tenha ainda alinhado nessa época por esse clube: se o fizer fora dessa condição, os pedidos posteriores ao primeiro não serão considerados e o patinador será suspenso pelo espaço de sessenta dias, que comecem a contar-se 48 horas depois da F. P. P. ter expedido ao clube a respectiva notificação».

No sábado encerra-se a inscrição de clubes para o campeonato de Lisboa de «hockey» em patins, procedendo-se também ao sorteio para elaboração do calendário respectivo.

Inaugura-se no domingo o «rink» do F. C. Barreirense, com um festival em que tomam parte José Soares, Ivone Torres, Quira Baptista, Virginia Campos e Fausto Lima.

cio de Bacalhau, em Alcântara, e que está esplendidamente apetrechado para o fim em vista.

O acto da entrega do ginásio à F.N.A.T. foi simples mas significativo. Algumas palavras do sr. engenheiro Higinio Queirós, aludindo aos benefícios da ginástica e pondo em destaque o valor da oferta do novo ginásio. E depois, inaugurando oficialmente o óptimo e modelar ginásio, a exibição das classes de ginástica feminina da «Nally», sob a direcção da sr.ª D. Maria de Lourdes Tainha, e as classes do «Chiado» e do «Granelas», em conjunto, sob o comando do sr. capitão Reverendo da Conceição.

Uma festa simpática e deveras interessante, a confirmar o prosseguimento de uma obra a que está destinado merecido triunfo.

Torneio da 2.ª Divisão

O apuramento dos clubes que não de passar à segunda fase do torneio menor da F. P. F. está prestes a ficar concluído.

As jornadas comportam já muito menos encontros do que no começo da competição—prova evidente de que em muitas regiões a questão está já arrumada.

Com efeito, nos últimos domingos têm ficado apurados os vencedores das equipes e ainda, no último, mais duas equipes—o Operário Vilafranquense e o União de Coimbra—viram assegurada a sua permanência.

Dentro duma semana deve ficar decidido a primeira parte do torneio.

No Minho disputaram-se dois dos quatro encontros marcados. O Limarense e o Vianense faltaram e os seus adversários, respectivamente, o Sporting de Fafe e o Sporting de Braga, marcaram os pontos regulamentares. Fácil se torna adivinhar a causa das faltas: a causa estava perdida...

Houve dois vencedores por margem folgada—um deles o Famalicão, teimoso em não perder a posição de «leader» e com a «sombra negra» do Sporting bracarense, que tem só menos um ponto.

Entre os conimbricenses, o União levou a melhor. Só um desejo no jogo do último domingo lhe impediria a passagem à fase imediata da prova. Mas isso não se verificou e as ténues esperanças da Naval perderam-se por completo.

O resultado feito pelo «leader» revela que ele não esteve em dificuldade. Isto, de resto, deve ter acontecido aos dois outros vencedores e principalmente à reserva dos estudantes.

O Sport Lisboa e Viseu infligiu pesada derrota ao Atlético de Travanca e aproximou-se tanto do Académico que ambos ficaram com igual número de pontos. Mas o «goal-score» do Académico é favorável.

O Sporting da Covilhã não ganhou. Talvez isto possa constituir a surpresa da jornada. Mas os «encarnados» de Castelo Branco «bateram o pé» e os «deões» da Serra voltaram a casa com um empate. Claro que não influíam nada para a classificação da série...

Os Covilhanenses creditaram-se do maior score da jornada—10 a 0.

O apuramento do vencedor da série 8 fez-se em Vila Franca, onde o Operário local venceu pela tangente o União de Tomar. O resultado indica equilíbrio de forças, aliás já esperado.

Entre os lisboetas, o Atlético e o Estoril ganharam à vontade. E não só porque são «leaders», porque jogavam em casa e os adversários não eram de temer, o desfecho foi naturalíssimo.

O Marvilense ganhar, em casa, ao Sacavense por um «goal» de vantagem, também é normal.

Portanto, só o empate entre a reserva do Belenenses e o Chelas, pode provocar reparos.

Para terminar vejamos os resultados:

Vitória (R)-Gil Vicente, 3-7; Famalicão-Visela, 6-3; Académica (R)-Conimbricense, 10-4; União de Coimbra-Santa Clara, 4-1; Lusitania-Calhábé, 4-0; Travanca-S. L. Viseu, 0-6; Albicastrens-Covilhanenses, 0-10; S. L. Castelo Branco-Sporting Covilhã, 1-1; Operário Vilaf. União de Tomar, 1-0; Marvilense-Sacavense, 4-3; Chelas-Belenenses (R) 2-2; Estoril Praia-Operário, 6-2; Atlético-Olivais, 5-1.

ZÉ DO PEÃO

Resultados diversos

Em virtude da muita falta de espaço com que lutamos, somos forçados a reservar para o próximo número algumas das crónicas habituais dos acontecimentos de maior importância da semana, publicando a seguir, para simples documentação, apenas os resultados seguintes:

CROSS-CONTRY—Provas do Benfica. Vencedores: Manuel Gomes (juniores), Aires da Silva (principiantes) e Alvaro Costa (estreantes).

ESGRIMA—Campeonato nacional de florete: 1.º dr. Jorge Oom, 7-0; 2.º Massano de Amorim, 6-1; 3.º «ex-aequo» Gouveia Franco, e Edmundo Franco, 4-3; 5.º Veiga Ventura, 4-3; 6.º Andrade Barreto, 2-5; 7.º Paiva e Pona, 1-6; 8.º Soares Cardoso, 0-7.

FUTEBOL—Jogos particulares: Sporting (R)-Seixal, 5-4; Benfica (R)-Palmense, 2-1; Vitória-Barreirense, 2-1.

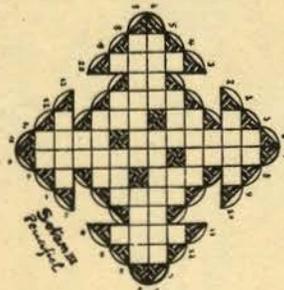
HANDBALL—Campeonato de Lisboa: Sporting-Benfica, 7-3; Treze-Belenenses, 2-2; Unidos-Marvilense, 5-1.

RUGBY—Campeonato de Lisboa: Gimnásio-Atlético, 0-0; Belenenses-Benfica, 14-9; Estoril Praia-Académico da Amadora, 5-3.

Um charuto é incomparável
Uma certeza de gosto!

THETIS

SOY THETIS
DUARTEZ
RUA da PALMA 165 A LISBOA



HORIZONTAIS

1 — Coisa insignificante. 2 — Sobrado. 3 — Preposição. 4 — Amanhã. 5 — Semelhante; Anel muito delgado. 6 — Vinho; Destável. 7 — Assustado; Terra vegetal. 8 — Atmosfera; Embocadura. 9 — Poeta (fem.). 10 — Entregue. 11 — Que não tem préstimo. 12 — Disparatei.

VERTICAIS

1 — Desgraça. 2 — Letra grega. 3 — Demanda. 4 — Nota musical. 5 — Que; Furor. 6 — Saltimbanco; Vereador. 7 — Malta; Cólera-morbo. 8 — Bonzo; Retrocava. 9 — Minha. 10 — Conj. (designativa de alternativa). 11 — Inspido. 12 — Cont. de prep. e art.

LANÇA MOREIRA

Este nosso camarada de redacção consorciou-se, no último domingo, com a sr.ª D. Fernanda Gomes Pereira.

Aos nubentes apetece Stadium as maiores felicidades.

Exposição Nacional de Campismo

No Clube Nacional de Campismo trabalha-se activamente na organização da Exposição Nacional de Campismo, que, em colaboração com o S. P. N., se vai realizar em Lisboa, Porto e Coimbra.

A primeira exposição será no Porto, depois em Coimbra, nos salões da F. N. A. T., e finalmente em Lisboa, devendo a da capital do Norte efectuar-se na primeira quinzena de Junho.

Por essa ocasião, campistas do C. N. C. farão a descida do rio Douro em «kayak», desde Barca d'Alva, e organizarão o «1.º acampamento do Vale do Vouga», em colaboração com os grupos campistas da região.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, somos compelidos a retirar algum original, do que pedimos desculpa aos nossos estimados leitores e colaboradores.

O banquete de homenagem aos jogadores do PALMENSE constituiu eloquente manifestação de fé nos destinos da colectividade

De entre os sentimentos da alma humana, o da justiça é, sem dúvida, um dos mais nobres. Fazer justiça a quem a merece—eis um acto que é sempre para louvar. E foi um acto de justiça aquêle que o Sport Futebol Palmense realizou, oferecendo, no último sábado, um banquete, no Suisso, aos seus jogadores de futebol campeões da 3.ª Divisão da A. F. L.

Da maneira brilhante como esse triunfo foi conseguido, já em tempo oportuno se falou nestas colunas.

Agora, importa apenas frizar o significado da simpática festa com que o Palmense agradeceu aos seus briosos jogadores o comportamento meritório que tiveram no torneio n.º 3 da A. F. L. há pouco terminado.

Sinceridade — é a palavra que pode resumir tudo o que naquele banquete se passou.

Efectivamente, cada uma das cento e cinquenta pessoas que nele estiveram presentes, não foram lá por simples gesto de cortesia protocolar. Foram, sim, porque na realidade quiseram agradecer aos onze modestos e simpáticos rapazes do primeiro «team» do Palmense a maneira como eles conquistaram um título e uma posição que pode abrir ao clube novos e vastos horizontes. Por isso houve alegria espontânea, por isso houve vibrações nas afirmações que se produziram.

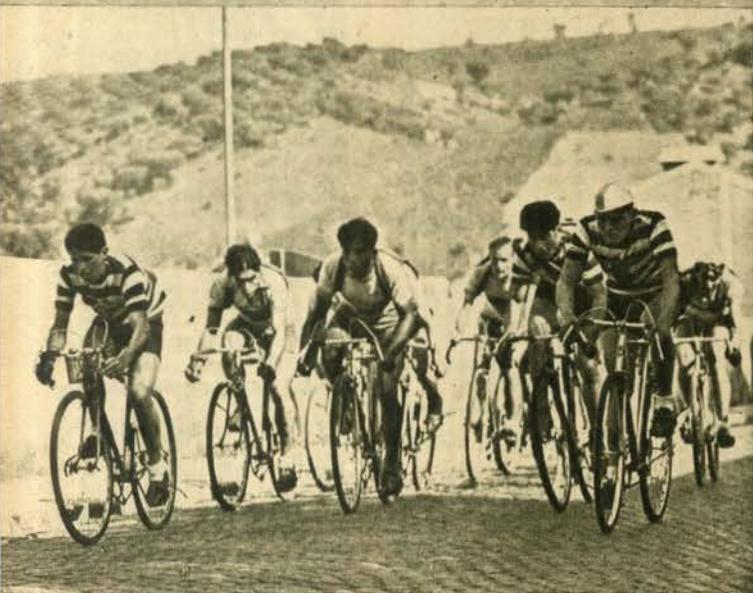
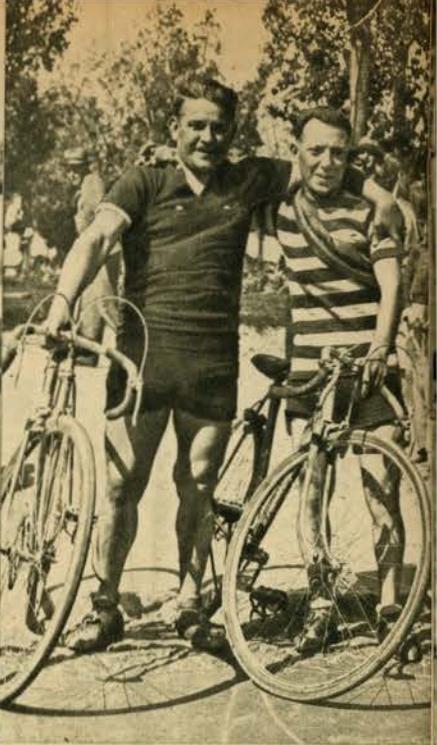
Stadium, revista onde há lugar para todos, grandes ou pequenos, formula sinceros votos para que o Palmense veja realizados todos os seus desígnios.

Prática desportiva para menores

As provas desportivas para menores de 18 anos passam a regular-se por instruções especiais. Segundo directrizes fixadas pela Direcção Geral de Educação Física e Desportos, não deve ser aceite a inscrição de menores de 18 anos (inclusive) em provas ou competições oficiais, sem prévia autorização da mesma Direcção, a qual só será dada de acordo com a «Mocidade Portuguesa», organismo a quem compete mais especialmente a vigilância das actividades físicas dos rapazes daquelas idades.

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19450
6 » » 39400
12 » » 78400



Os 100 quilómetros da U. V. P.

foram ganhos por JOÃO LOURENÇO

e proporcionaram lutas animosas e resultados de elevado valor desportivo

LUTOU-SE brlosamente e sem desfalecimentos nos clássicos 100 quilómetros da U. V. P., disputados no domingo, no percurso da Ericelra. Mais do que os resultados obtidos sobressal a maneira como os ciclistas se comportaram e procuraram vencer as dificuldades da corrida.

A prova foi excelente, emotiva, atleticamente de mérito superior; a luta travou-se desta feita com vento a soprar de frente a partir da Ericelra, o que veio tornar ainda mais difícil a tarefa dos corredores.

Por isso, e também pelo garbo com que se bateram os favoritos, teve a velocipedia no passado domingo uma grande jornada de propaganda.

Mas na prova houve muito mais motivos de agrado. Aquelas fases de luta, verificadas a partir de Belas, foram das melhores coisas a que temos assistido naquele acidentado troço da estrada.

Eram sete os contendores que ali começaram a degladiar-se: Martins, Raposo e Rebelo, das hostes «iluminantes»; e Lourenço, Inácio, Aristides e Albuquerque, por parte dos «leões». A este grupo já faltava Eduardo Lopes, que havia «furado» perto de Benfica e desistira, por cometer a imprudência indesculpável de partir sem «boyaux»; José Ferreira e Sereno, por não aguentarem o «passo»; e Bartolomeu a contas com pequena avaria. Já se haviam vencido as rampas do Pendão e caminhava-se em plena subida da Venda Seca.

Em dado momento surgiu o primeiro ataque: Martins, fogoso, esgueira-se e toma um avanço de 100 metros. Era o início das «hostilidades», que se manteriam vivas ao longo de quasi todo o percurso e dariam aso a proezas de que não desdenhariam muitos ciclistas de classe internacional.

Nesse ataque, feito para medir forças, vimos Lourenço, confiado, na cauda do pelotão, mas algo desamparado pelos seus fiéis servidores, Inácio a contas com o seu estomago e Aristides justamente preocupado com a ideia de vir a classificar-se bem.

Não passou despercebida a situação a Piedade, orientador dos «iluminantes», nem aos próprios corredores azul-brancos. E previu-se nova abertura de «hostilidades» antes do «juiz de paz» da prova — a famosa subida da Ericelra...

Vencer a todo o custo

Pela segunda vez, coube a Martins o rompimento das operações, mas desta feita levou na sua roda o habilidoso Aristides. E então assistiu-se ao «esfrangalhamento» do pe-

(Continua na página 15)



1



2



3



4

Em Leixões: 1 e 2— Duas fases do encontro entre os voluntariosos vimaranenses e o Leixões.
(fotos Hermann)

Em Olhão: 3— Um instante do desafio que deu mais uma derrota aos campeões portuenses.
(foto Espírito Santo)

No Pôrto: 4— Durante a disputa da prova de 100 quilómetros clássicos da Delegação da U. V. P.; 5— Na posse de Lippo Hertzka, novo treinador do F. C. Pôrto; 6— O grupo de "hockey" do Ramaldense, novo campeão regional.



6



5

os macaístas

FERROS E PÁUS!!!

O UNIDOS

vão apresentar-se em Lisboa

O «hockey» em campo é modalidade do desporto muito desenvolvida no Oriente — e principalmente entre a colónia portuguesa de Macau; os naturais daquela região ultramarina são realmente, e em regra, bons especialistas no manejo do «stick».

Bem andou, portanto, a Associação de Lisboa — de acordo com a sua congénere do Porto — em reunir os macaístas que, há cerca de três anos, se encontram no continente, a fim de promover um encontro daqueles jogadores com os seus seleccionados.

A ideia não é nova, mas sómente agora, removidas algumas dificuldades, pôde ser posta em curso. Já no ano passado, aproveitando-se a circunstância da vinda a Lisboa de quatro desses jogadores, que se encontravam no Porto, o Benfica promoveu um «match», que teve agrado e serviu como excelente elemento de indicação e de propagação; mas os encontros de agora (a 11 com a selecção de Lisboa e mais tarde com o Benfica, novamente) vão proporcionar, de certo, ocasião para melhor se apreciarem as qualidades dos «hockistas» macaenses.

Do «team» de Macau fazem parte seis jogadores do Hockey C. P. (os drs. Santos Ferreira e Leonel Rodrigues, Trigo da Silva, Humberto Rodrigues, Hugo do Rosário e Alexandrino Gonçalves), quatro do F. C. do Porto (dr. Lino Ferreira, Vitor Ramalho, Hugo Lopes e Vitor de Sousa) e outro do Internacional (Sarmiento Guimarães).

São, todos eles, jogadores experimentados e de «classe», a maior parte seleccionados por Macau (contra Cantão, Hong-Kong e Singapura), por Lisboa e Porto (nos «matches» inter-regiões e contra Madrid).

Os adeptos da modalidade vão ter assim ensejo de ver em acção dois sistemas de jogo diferentes: os macaenses, antigos discípulos do tenente Felipe do O Costa, adoptando a tática de passagens curtas e rápidas — ao geito do «hockey» indiano, o de melhor escola que se conhece ainda — e o dos lisboetas, mais descongestionado, porque é mais prático e eficaz mas muito menos vistoso.

Entre os jogadores de Lisboa — também, quasi todos eles, com o conhecimento de «matches» do género e alguns, até, «internacionais» — contam-se Olivério, José Eugénio, Campos, Gião, Leonel, Espírito Santo e outros.

Ao «match» de domingo próximo, que se disputa no Campo Grande e está sendo aguardado com a maior curiosidade, assiste-se às entidades oficiais, tendo sido especialmente convidado o sr. Director Geral dos Desportos.

O encontro dos macaístas com o Benfica, segundo classificado no campeonato de Lisboa, deve fazer-se na segunda-feira, 12, ou uma semana mais tarde: no dia 24, a seguir ao 5.º Lisboa-Porto, marcado já para 23 do corrente.

No Ateneu, disputou-se um campeonato, que trouxe nome «novos» ao florete... Vai agora haver, também, um jogo, do qual, por bem se diz: «hockey»... ou cacete!!!

Entre tanta gente moça (isto até parece troçal!!!) triunfou... um «veterano»!!! Foi um esgrimista bom (foi e é: o Jorge Oom) que venceu... por mais um ano...

De onde se prova, afinal, que a esgrima, em Portugal, tem, cada vez, mais interesse... Há nome «novos» na lista (ou «velhos», que volta à pista!) Se não é, assim parece!!!

Eu nem quero acreditar (para não contrariar!) no que vi, no Ateneu... Foi tudo questão de sorte... Mas só um teve bom porte... e tanto assim que venceu!

Gouveia Franco e Massano com Edmundo, que é mano do outro Franco de cima, portaram-se muito bem! Veiga Ventura, também, que a prova, no fim, anima.

Foi um «rush»... bestial o «toque», certo, final, que o Zé Veiga deu ao Franco... Puderam! Da mesma sala! Jorge Oom perdeu a fala... ...se não 'stava tudo aem brancon!!!

Os «hockistas» de Macau, que são peritos... no pau e jogam — como os melhores! — vêm fazer, em Lisboa, uma «jogatana» boa... Muito boal! Sim, senhores!!!

É um desporto de escol em que para fazer «goal» é preciso haver pericial! Joga-se com pau... na mão (que tremenda confusão!!!) e, também, muita codícia...

Lá iremos, para ver o que Macau vai fazer, nesse jogo, por que 'speram os adeptos do «stick»... E oxalá que tudo fique tão bem como «lles» o fizeram!

Porque o «hockey», podem crer, não é jogo 'pra qualquer desportista praticar!!! É necessária a cordura e a melhor compostura para não «degenerar»...

ZÉCAS TLÃO

REFLECTINDO...

Porque não tentar o ressurgimento do water-polo?

DATA de 1934 a realização do último torneio oficial de «water-polo».

Após esse campeonato, foi resolvido — invocando especialmente o jogo violento que a miude se verificava — suspender os torneios da modalidade.

Seria descabido discutir neste momento essa decisão, tomada há nove anos. Classificamo-la, no entanto, como a resultante da cómoda aplicação da lei do menor esforço, lei que de modo algum, e seja por que princípio for, se coaduna com a nossa maneira de ser.

Ora foi justamente a partir da época imediata (1935) que as marcas das várias distâncias e dos vários estilos começaram a ser melhoradas de maneira acentuada. E assistimos, então, a esta coisa curiosa: enquanto que na natação pura os «records» eram melhorados gradual e progressivamente, o «water-polo», por seu turno, caía no mais completo abandono, a ponto de chegar, praticamente, a deixar de existir.

E chegamos assim a esta situação algo paradoxal: hoje, que possuímos um magnífico recinto para encontros de «water-polo» — o Estádio Náutico de Algés — e que o «crwal» está, de certo modo, generalizado, — o «water-polo» não é uma sombra do que era nos tempos já bastante recuados em que, utilizando estilos hoje quasi postos de parte, havia nas docas, sabe Deus em que condições, animados desafios.

Semelhante estado de coisas deve ter uma causa. Melhor: como tudo na vida — deve ter várias causas. De primeiro plano umas, de importância secundária outras.

A supremacia do Algés sobre as outras colectividades, diminuindo consideravelmente a luta inter-clubes, não deve ser estranha ao facto.

Mas é altura, supomos, de pôr a pergunta: ¿que diligências se têm feito para tentar o renascimento do «water-polo»? Que resposta quem souber.

No dealbar da época natatória de 1943 — o assunto tem oportunidade. Há que tentar a ressurreição do «water-polo».

É um jogo emotivo. Tem defeitos? Puderam! Foi inventado por homens... e por homens é praticado... Presta-se a violências? Sim, como tantos outros jogos de aplicação aos quais nunca se pensou sobrepor o sacramental *requiescat in pace*...

De resto, a irradiação pura e simples de todo aquele que se mostrasse indigno de viver no seio de gente civilizada, cortaria, de vez, o mal...

É que, além de tudo o mais, o «water-polo» presta-se admiravelmente para manter em actividade nadadores que, não podendo já apresentar-se ao lado dos novos, ainda não estão positivamente na altura de abandonar o desporto de competição.

Enfim, sintetizando: o que estimáramos ver era que se tomassem quaisquer medidas tendentes a fazer ressurgir o «water-polo» — que bem o merece. E se, ao fim e ao cabo de todos esses esforços, se verificasse que eles tinham sido infrutíferos, então teríamos bases para dizer: decididamente o «water-polo» não pode tomar o brilho de outras éras...

ABREU TORRES

é o novo «leader» do Campeonato de Lisboa

O torneio lisbonense de «basket-ball», em «teams» principais, conheceu já três «leaders»: primeiro foi o Atlético e depois o Benfica, voltando aquele, na última jornada da primeira volta, à situação anterior mercê da sua vitória sobre o segundo; e agora é o Unidos, que derrotou o grupo de Alcântara. O interesse da competição está, portanto, na luta entre os três favoritos — qualquer deles com as mesmas possibilidades de vitória final — para a conquista definitiva do título. Belenenses e Lisgás, arredadas as probabilidades, também podem vir a ter influência decisiva na classificação. Mas o campeonato entrou agora na sua melhor fase — e qualquer tropeço pode ser fatal...

Na duodécima jornada, com jogos no Ateneu Comercial — campo que, por sorteio, foi designado para os desafios da segunda etapa — verificaram-se os resultados seguintes:

Sporting-Rio Seco, 28-18 (45-36).
Unidos-Atlético, 38-25 (58-29).
Benfica-Ateneu, 38-25 (60-31).
Carnide-C. Ourique, 44-41 (85-24).
Belenenses-Algés, 47-26 (43-31).
Lisgás-Maria Pia, 33-31 (40-31).

Em todos estes «matches» houve confirmação de resultados anteriores (apontam-se entre parêntesis os «scores» da primeira volta) e o Unidos desempatou a seu favor. Com maior expressão: Belenenses (12+21) e Sporting (9+10). Os outros encontraram agora mais dificuldades: Benfica (29+13), Carnide (9+3) e Lisgás (9+2). A jornada, acentua-se, apenas teve o interesse da rectificação de resultados, e, de importância, a vitória dos «unidistas», que lhes permitiu troca de posições com os «atléticos».

Nas categorias inferiores mantêm-se as situações anteriores e os «leaders» são os mesmos: Atlético em reservas; Algés e Belenenses, respectivamente, em segundas e terceiras. Todos eles contando por triunfos as partidas em que tomaram parte. Os mais próximos: Lisgás e Benfica (res.), com 30 pontos; Benfica (em 2.º) com 32; Sporting (em 3.º) com 30.

Em «teams» de honra, a classificação ficou assim ordenada:

J. V. E. D. Bolas P.
Unidos (2). 12 9 2 1 489-245 32
Atlético (1). 12 9 0 1 2 477-258 31
Benfica. 12 9 0 3 405-235 30
Belenenses. 12 7 1 4 405-238 27
Lisgás. 12 7 1 4 389-251 27
Carnide (7). 12 6 6 6 388-275 24
Algés (6). 12 6 6 6 456-427 24
Sporting. 12 5 5 7 326-432 22
Maria Pia. 12 4 8 8 372-417 20
Campo Ourique. 12 3 2 7 314-414 20
Ateneu. 12 3 1 8 367-506 19
Rio Seco. 12 1 12 284-425 12

Apenas houve mudança de lugares entre os dois primeiros e o Carnide e o Algés, de novo iguais.

Na semana em curso, temos: Maria Pia Sporting, Benfica — Algés, Belenenses Lisgás (o jogo mais importante), Rio Seco — Carnide, Campo de Ourique — Atlético e Unidos — Ateneu.

QUEM LUTA?...

CAMPEONATOS REGIONAIS
de Lisboa e Pôrto

(Conclusão da pág. 12)

lotão, numa ânsia tal de marcar posições que acabaram por ficar esgotados todos os homens atrasados; mas a luta não parou.

Raposo, também no intuito de ir ter com os fugitivos, já com uns bons duzentos metros — atacou de novo uma, duas, três e quatro vezes. No entanto, Lourenço não o largava. Faisca, preocupado também em levar o seu chefe de fila à frente, acabou da mesma forma por se isolar, mas com Rebelo na sua esteira. Jacinto, que respondera com a sua habitual naturalidade a todos esses estímulos, passou por toda a gente até se juntar, num esforço supremo, a Martins e Aristides.

Foi um momento culminante da prova: dois ataques, quatro perseguições violentas, três pelotões distintos e caminharem uns à vista dos outros, até que na vanguarda ficaram apenas três homens. Os restantes reagruparam-se pouco a pouco.

Depois, até Maíra, da luta desigual de três contra dois — Lourenço, Faisca e Inácio por um lado, e Martins e Jacinto por outro (pois Aristides caminhava abrigado nas rodas dos adversários, a manter intactas as esperanças dos sportinguistas para uma chegada em pelotão, onde ele seria superior) até Maíra — diziamos, os fugitivos levaram a melhor e ganharam um minuto e quarenta segundos sobre os restantes. Mas daí em diante a sorte, ou, melhor, as possibilidades de vencer — mudaram de campo.

Quanto vale não desarmar

Lourenço, com mais fundo, recuperou bem contra o vento; e Inácio endurecido pelas suas constantes caminhadas de Torres a Lisboa e vice-versa, também se fez. Assim, quando se subia para a Piteira, estavam nas rodas da «trindade fugitiva», levando «colado» João Rebelo, que era então a incógnita da prova.

Daquela maneira, a vitória parecia pertencer virtualmente a Lourenço. Como ele vinha «tocado» pela sua longa perseguição, fazíamos raciocínios sobre a maneira com se comportaria na embalagem final, acoçado, como seria, em Carriche, por Jacinto e Martins, e, depois, forçado por Rebelo, no Campo Grande.

Tudo se resolveu, afinal, facilmente: Jacinto furou nos Olivais; Rebelo também furou no Campo 28 de Maio; e Martins ainda tornou mais fácil a embalagem do campeão «deonino», permitindo que ele arrancasse por detrás da sua roda — portanto com maiores trunfos pelo seu lado.

Assim, Lourenço veio a ganhar merecidamente uma prova em que parecia estar irremediavelmente batido. E ganhou-a, por um lado, ao renovar-se-lhe o

animo com o desfalecimento de Raposo, por outro, porque contou sempre com o incondicional apoio dos seus companheiros de equipa.

Pode, no entanto, dizer-se — e sem isto ser descabido de todo — que o resultado da luta podia modificar-se se Rebelo não fura. Todavia, isso seria mais pelo facto de o sportinguista vir fatigado do que propriamente pela maior rapidez do homem da «luminante».

Uma coisa deve afirmar-se: colectivamente as equipas equivalem-se — e isto deve servir de poderoso incentivo para manter intacto o entusiasmo do público pelo desfecho das provas.

Classificações:

Eis como foram distribuídos os lugares de honra nas diversas categorias:

Independentes — 1.º, Lourenço (Sporting); 2.º, Martins (Luminante); 3.º, Aristides (Sporting), todos em 3 h. 1 m. 8 s.; 4.º, Inácio (Sporting); 5.º, Rebelo (Luminante), ambos em 3 h. 1 m. 27 s.

Amadores seniores — 1.º, Rocha (Luminante); 2.º, Paulo (Lisgás); 3.º, Tavares (Lisgás).

Amadores juniores — 1.º, Rodrigues (Luminante); 2.º, Mourão (Sporting); 3.º, Jacinto (lum.).

Iniciados — 1.º, Pinto (Sporting); 2.º, Henriques (individual); 3.º, Neves (Sporting).

Veteranos — 1.º, Duarte Martins (Sporting); 2.º, Dias Maia (Benfica); 3.º, António Madeira (Combatentes).

GIL MOREIRA

*

A delegação do Pôrto fez disputar a sua segunda prova do calendário regional. A inscrição reuniu os melhores es-

EM artigo transacto, intitulado «Existe o desporto pobre?», englobámos a luta greco-romana no número dos que assim são catalogados.

O belo desporto, que Nero consagrou entre as hérculeas e bronzeadas figuras da Roma antiga, teve aura fulgurante em todo o mundo, — e antes da conflagração presente feriram-se por toda a parte campeonatos da especialidade.

O atleta português partilhou também desses períodos de entusiasmo. O Ginásio Clube Português foi o ponto de partida para o franco progresso que a luta greco-romana atingiu entre nós. Teve homens dedicados, que geraram a ideia, que a estimularam e a mantiveram.

Documentos antigos e fotos já amareladas pelo tempo dizem-nos do espectáculo magnífico e

tradistas, apenas com a falta de Cardoso por doença.

Por desastres e avarias, alguns dos bons ficaram pelo caminho e outros tiveram classificação medíocre. A vitória, ao «sprints», coube uma vez mais a Império, que se mostrou, como anteriormente, o melhor e mais preparado.

Império, Aniceto, Pardal e Pereira, constituíram o pelotão que, após a segunda passagem no «controle», jamais se separou. Uma queda seguida de colisão, tirou as possibilidades aos restantes. Mesmo assim, a luta foi digna de ser seguida, pois os quatro atletas, pondo de parte o receio, puxaram a marcha.

Classificações:

INDEPENDENTES — 1.º Império dos Santos, Salgueiros em 3 h. 12 m. à média de 32,880 metros; 2.º Aniceto Bruno, F. C. Pôrto, mesmo tempo; 3.º José Pardal, mesmo tempo.

JUNIORS — 1.º Serafim Walgood, F. C. Pôrto em 3 h. 41 m.; 2.º Fernando Costa, Rio Leça, m. t.

INICIADOS — 1.º Onofre Tavares, F. C. Porto; 3.º Marçal Couto, idem; 3.º António Carlos, Rio Leça.

LEOPINUS

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)

BOLETIM N.º 13

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
13.ª JORNADA

BELENENSES — OLHANENSE

SPORTING — LEIXÕES

F. C. PORTO — BENFICA

ACADÉMICA — UNIDOS

VITÓRIA — UNIDOS (do Barreiro)

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou província — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), imprimeiramente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

empolgante que a luta greco-romana representava para determinada camada do público de então. Com o andar dos anos, a luta, como tantos outros desportos, tornou-se objecto de profissionalismo. O vírus, quando ataca, é profundo. Deixa resquícios de mazela grave. Foi o que sucedeu...

A luta de amadores ficou abalada pela deserção de alguns destes. Viu-se, quase de súbito, relegada para plano secundário. Como em tudo, porém, operou-se uma reacção. Em todos os países fomentou-se a boa propaganda da luta — e ela recompôs-se dos maus tratamentos que passara.

Em Portugal, mais propriamente em Lisboa, onde sempre predominou maior simpatia e persistência pela modalidade, os profissionais lusitanos, vindos do amadorismo, foram poucos e sem projecção ou grande ambiente.

Mas ao Ginásio sucederam-se o Lisboa Ginásio e o Ateneu Comercial de Lisboa. Agitou-se o meio. As rivalidades clibustas, a necessária emulação, afinal, deu suas fontes e pudemos apurar bons especialistas, sendo cometida a alguns a honra de representarem o País em competições internacionais.

Durante várias temporadas, o interesse manteve-se vivo. Havia regularidade nos torneios, captava-se a simpatia dos jovens para a modalidade — e, diga-se de passagem, para os pés e alteres, outro desporto que caiu em desgraça... — e os valores, sem serem inúmeros, iam surgindo.

Como justificar a deserção que depois se seguiu, — que há 3 anos não permite organizar campeonatos, que «asfixiou» uma Federação e imobilizou os clubes? Variadíssimos factores. Um deles, a falta de lealdade com quem era cometida a missão de árbitros ou de simples vogais. Os praticantes desgostaram-se, os clubes não reagiram e, com má visão, aceitaram a atitude dos atletas. Quando de ano a ano era preciso nomear nova direcção para o organismo federativo, o «jogo de esquiava» dos elementos que logicamente estavam indicados para orientar tornava-se impressionante. Em boa verdade: horror profundo às responsabilidades.

De mal a pior, chegámos ao quadro actual, que é confrangedor: a Federação está reduzida a dois elementos. Os clubes guardam uma passividade, que não sabemos como classificar, tendo um deles, o Ginásio Clube Português, chegado ao ponto de ter a sua secção extinta presentemente!...

Os atletas, os antigos, já não têm paciência para grandes proezas; novos não existem, porque não sentem estímulo nem lhes interessa uma especialidade que não lhes consente, pelas diferenças de peso, pisar o tapete a mude.

E lembrar-nos que há sete anos esteve prestes a consumir-se uma pugna internacional com os espanhóis!...

LANÇA MOREIRA



2

1 — Azevedo, apesar de atacado por um dianteiro acadêmico, defende com segurança. Barrosa e Marques seguem atentos o esforço do seu "keeper". 2 — A energia foi a característica saliente dos embates entre a defesa do Unidos e o ataque do Belenenses. A nossa foto — prova-o... 3 — Um belo instantâneo: Julinho deixa-se bater pela defesa barreirense

